

## CRÍTICA ENSAIO

# Coletânea preserva a atualidade de manifesto de Oswald

“Antropofagia Hoje?”, que ganha nova edição, parte do conceito da antropofagia para avaliar problemas atuais

NOEMI JAFFE  
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Para um manifesto que de-sejava a “transformação permanente do tabu em totem”, invertendo a operação descrita por Freud, seu destino não deveria ser transformar-se em tabu —como aconteceu por tantos anos— e tampouco em totem, sob pena de que isso nos impeça de compreendê-lo e atualizá-lo.

O Manifesto Antropófago, escrito por Oswald de Andrade (1890-1954) em 1928, não pode mesmo ser entendido, nem suas propostas podem ser minimamente realizadas, caso não exista um procedimento constante de transformá-lo. Aliás, esse é um de seus princípios: que ele possa ser sempre devorado.

Essa parece ser a ideia do livro “Antropofagia Hoje?”, organizado por Jorge Ruffinelli e João Cezar de Castro Rocha, cuja primeira versão foi publicada em 1999, mas que agora sai ampliado.

O livro se divide em cinco partes, que vão de reconstruções e paródias do manifesto antropófago a genealogias históricas dos conceitos que nele aparecem, além das repercussões atuais na TV, na medicina e na política.

Mas a melhor contribuição que a coletânea faz ao leitor do manifesto é justamente manter viva a necessidade de conhecê-lo sem idealismos.

Em um dos ensaios mais emocionantes, a filha de Oswald, Marília, narra o fim solitário e desiludido do pai: não o haviam reconhecido nem valorizado; pior, ele se sentia abandonado.

Um abandono que, nos últimos anos, vem sendo redimido, mas sem que isso implique autêntica valorização de seu pensamento.



AFINAL, A  
A ANTROPOFAGIA  
NÃO É  
SIMPLESMENTE  
DEGLUTIR O QUE  
NOS INTERESSA  
E TRANSFORMÁ-  
LO EM COISA  
BRASILEIRA.  
NÃO É, TAMPOUCO,  
FUNDIR O  
PRIMITIVO E O  
TÉCNICO

Afinal, a antropofagia não é simplesmente deglutir o que nos interessa e transformá-lo em coisa brasileira.

Não é tampouco fundir o primitivo e o técnico, ou, como muitos também pensam, carnalizar o mundo do trabalho e da organização e sair sambando pelas ruas.

Como diz muito bem o belo ensaio de João Almino, “o pensamento, a arte ou a literatura nacionais não existem como ponto de partida, e sim como ponto de chegada”.

É do Manifesto Antropófago como ponto de partida para pensarmos os problemas de agora que partem os ensaios deste livro, uns mais, outros menos felizes.

É estanha, por exemplo, a visão de um professor da Universidade de Stanford, que afirma que o Brasil “transforma pessoas em pilhas artificiais de exotismo como Carmen Miranda”.

Alguns americanos do norte precisam estudar muita antropofagia para compreender os americanos do sul.

## ANTROPOFAGIA HOJE?

**ORGANIZAÇÃO** Jorge Ruffinelli e João Cezar de Castro Rocha

**EDITORA** É Realizações

**QUANTO** R\$ 99 (688 págs.)

**AVALIAÇÃO** bom